

# O Turismo e o Artesanato

na Rota do Românico do Vale do Sousa  
Os Bordados em Linho



Tema: O Turismo e o Artesanato na Rota do Românico do Vale do Sousa  
Aluno: António Duarte de Sousa Araújo Pinheiro  
Pós Graduação em Marketing Integrado de Comunicação  
e Promoção do Turismo  
Docente / Orientador: Eng<sup>a</sup> Ana Salazar

## ÍNDICE GERAL

1	Introdução	2
2	O Turismo como veículo de contacto de culturas	4
3	Os bordados da Região do Vale do Sousa	6
4	Caracterização dos bordados	8
4.1	- Os Bordados em ponto de cruz	9
4.2	- Os Bordados a branco	9
4.3	- As Bainhas abertas	11
4.4	- O Bordado Regional de Guimarães	12
4.5	- O Bordado de crivo	16
5	A integração dos bordados na Rota do Românico do Vale do Sousa	19
5.1	- A Terra-Mãe	21
5.2	- A Casa do Risco	23
6	Conclusão	24
7	Bibliografia	27

O Turismo e o Artesanato na Rota do Românico  
do Vale do Sousa

Os bordados em Linho

Pós Graduação em Marketing Integrado de Comunicação e Promoção do Turismo

Trabalho realizado por:  
António Duarte de Sousa Araújo Pinheiro  
Coordenadora: Eng<sup>a</sup> Ana Salazar

## 1 - INTRODUÇÃO

A antiga dicotomia entre turismo recreativo e turismo cultural, já não é tão nítida actualmente. Cada vez mais, os turistas tendem a procurar actividades complementares no seio do próprio núcleo receptor. Estudos recentes e diversificados tendem a demonstrar a efectiva polivalência do lazer e do turismo em regiões turísticas onde se misturam turistas e autóctones. Em todo o caso, é de salientar o peso crescente dos factores artísticos e culturais nos núcleos turísticos tradicionalmente conhecidos pelos seus atractivos etnográficos. É um fenómeno verificado num número cada vez maior de regiões. O turismo cultural pratica-se em todo o lado (museus, galerias, exposições), mas a dominante cultural caracteriza apenas alguns núcleos turísticos específicos.

A arte e a cultura favorecem em primeiro lugar, os sítios e as cidades de forte sedimentação histórica e quando este potencial é considerado insuficiente face á concorrência de outros núcleos culturais, é por vezes útil criar uma arte e uma cultura viva, sob a forma de festas, romarias, exposições vivas de artesanato, etc. É óbvio que, quando falamos de artesanato, este, por si só, não é motivo suficiente para influenciar deslocações e fluxos turísticos, no entanto, deverá ser considerado com um factor de extraordinária importância, enquanto complemento da oferta turística.

O que se pretende não é que o artesanato recupere o espaço que já perdeu, nem que tente encontrar meios para competir com a produção industrial, que se pretende é que o artesanato descubra o espaço que lhe é próprio, por se encontrar adequado às características específicas do seu processo de trabalho. Embora não queira entrar em aspectos de natureza teórica, porque o objectivo deste trabalho tem uma componente bastante prática, parece-me indispensável delimitar e definir, pelo menos em termos operacionais, alguns aspectos mais significativos que constituem a especificidade do artesanato, como processo de produção. Ainda não se encontra devidamente elaborado um conceito de artesanato, no entanto a sua especificidade repousa nas características do seu processo de produção, podendo afirmar-se, em termos de genéricos, que o artesanato é uma actividade económica de transformação de matérias primas em objectos utilitários e/ou decorativos, mediante um processo de trabalho que dá todo o lugar à criatividade dum artesão altamente qualificado e que domina todas as fases desse processo.

Trata-se de um processo onde não há, geralmente, divisão de tarefas, onde predomina o trabalho manual, embora se possa recorrer a máquinas que, de um certo modo, se apresentam como uma extensão dos membros do próprio artesão, e que não comporta a produção em grande série, própria dos processos industrializados.

Sendo uma actividade económica que dispõe, nos dias de hoje, de espaço próprio o artesanato apresenta para além da especificidade do seu processo de trabalho, uma forte componente cultural, devendo ser considerado como elemento fundamental da cultura popular. O artesanato encontra-se ligado a uma colectividade concreta, a determinadas concepções do mundo e da vida, a determinadas maneiras de agir, de sentir e de pensar, a determinados sistemas de normas e de valores, a certas condições materiais de existência. Por conseguinte, para além de ser, na área das actividades económicas, um processo específico de produção, o artesanato afirma-se, também, através da sua componente cultural, como processo específico de expressão estética e simbólica.

A importante produção de bordados que se verifica em toda a Portela da Lixa, e áreas confinantes, não é entendida localmente como algo que mereça algum destaque. Não se encontram postais, antigos ou modernos, com bordadeiras, não há monografias a cuidar do tema, muito menos se verifica a existência de qualquer sinal que celebre o bordado ou as suas culturas: nome de uma praça, de uma avenida, uma estátua... Nesta aparente falta de visibilidade, no modo como tudo parece tão “natural” encontram-se os sinais que denunciam a efectiva importância do bordado e o quão profundamente se insere nas estruturas sociais e económicas da área. A escolha deste tema, prende-se com a urgente necessidade de cada vez mais, darmos valor às nossas raízes culturais mais profundas e genuínas, dignificando, sensibilizando e preservando a nossa cultura, as nossas tradições, para que estas não sejam nunca esquecidas pelas gerações seguintes.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SOUSA, António Teixeira – *Artesanato da Região Norte, Catálogo*, I.E.F.P., Porto, 1989.

## 2 - O TURISMO COMO VEÍCULO DE CONTACTO DE CULTURAS

A cultura popular define-se por “universos de sentido, padrões de conduta, práticas e obras propriamente culturais, intrinsecamente associados à condição e à acção da multiplicidade de actores, individuais e grupais, presentes num certo espaço-tempo social”<sup>2</sup>. As artes e os ofícios tradicionais estão fortemente ligadas às identidades locais, regionais e nacionais, representando o gesto criativo e a técnica melhor conseguida, correspondendo a uma síntese da história conjunta da sensibilidade e do saber-fazer, constituindo ao mesmo tempo um factor imprescindível de desenvolvimento sustentado, que tem o homem como centro e a arte tradicional como força catalisadora de traços culturais. Se a melhor forma de preservar o património cultural é conhecê-lo e divulgá-lo, não é menos verdade que não podemos basear a nossa actuação em acções pontuais, mas sim integrá-la em projectos concebidos na perspectiva do desenvolvimento sustentado.

De um modo geral, para preservar um determinado património cultural, é usual seguir um percurso que passa por promover e divulgar o conhecimento desse património, pela promoção do seu uso e por uma acção de educação e promoção da consciência e utilização desse património <sup>3</sup>.

De uma forma mais simples dizemos que a preservação do património cultural passa pelas seguintes iniciativas.

- Sensibilizar a população;
- Preservar por reanimação;
- Implicar a escola;
- Promover o turismo local;
- Proteger as artes e os ofícios tradicionais;
- Criar museus locais;
- Congregar esforços.

---

<sup>2</sup> SILVA, Augusto Santos, outros, “Tempos Cruzados, um Estudo Interpretativo da Cultura Popular”, Edições Afrontamento, Porto, 1994, p.119

<sup>3</sup> FERREIRA, J.M. Cabral, “Artesanato, cultura e desenvolvimento regional”, In: *Cadernos PEPT 2000*, nº5, M.E., Lisboa, 1994. Pp.114-120

Perante a evolução dos conceitos e uma nova atitude em relação ao património cultural e ao desenvolvimento, a intervenção regional e local são fundamentais.

O desenvolvimento deve ser equilibrado, sustentado e assentar na valorização dos recursos endógenos. É necessário conciliar tradição e modernidade, qualidade e quantidade, curto e longo prazo, homem e natureza, global e local, unidade e diversidade, recursos e necessidades.



Essa decoração com relevo é feita pelos pontos, que são a “essência técnica da arte de bordar”. Muitas vezes confunde-se o bordado com a renda, mas para que exista bordado é necessário que exista tecido de fundo sobre o qual ele se realiza. Neste caso os bordados que vamos analisar são todos executados sobre Linho.

Em Novembro de 2005 foi efectuado um inquérito ao qual responderam 708 bordadeiras. Os seus resultados permitem objectivar o sistema produtivo do bordado desta região, caracterizando algumas das suas principais variáveis. Tendo-se feito um inquérito muito semelhante em 1995, estes resultados permitem ainda avaliar a evolução verificada nestes últimos dez anos. Ao contrário do que muitos, exteriores á região, pensam, este bordado é feito em estruturas profissionais, empresas que, nalguns casos, podem ter a bordar para si quase 200 bordadeiras... A regra não será esta e, o o número médio de bordadeiras por **riscadeira** ou **contratadeira**, nomes que por vezes designam as **patroas** andarás pelas oito, existindo como se imagina, todas as possíveis modulações: bordadeiras que trabalham sozinhas e vendem em feiras de artesanato, ou são procuradas nas suas casas pelos clientes, bordadeiras que bordam para várias casas, bordadeiras que bordam apenas para uma única empresa.

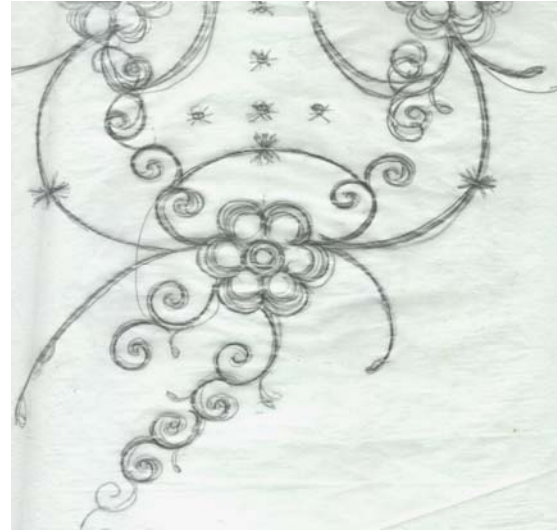
De facto o que o inquérito de 2005 revela de mais espantoso é a constância da proporção de bordadeiras por conta própria e daquelas que bordam por conta de outrem: 11,1% e 85,9%, respectivamente, havendo cerca de 3% de bordadeiras que não respondem á questão. Esta mesma razão revelou, em 1995, valores muito próximos, 10,2% e 82,9% respectivamente. Igualmente significativa da constância do modelo de produção é a resposta que as inquiridas deram à pergunta sobre a dedicação em exclusividade ao bordado, pois cerca de 83% revelou que não tem nenhum outro emprego que não bordar (em 1995 a percentagem era um pouco mais elevada, de 89%). Com estes elementos, não surpreende que 75% das inquiridas revelem que trabalham a tempo inteiro no bordado.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Bordado da Terra de Sousa – O Engenho e a Arte - Edição da Casa do Risco – P. 6 ,7

#### 4 - Caracterização dos Bordados

Os bordados podem ser de fios contados — Ponto de Cruz, Crivo, Bainhas Abertas — ou não, tomando neste caso a designação de Bordados Livres. Nestes, os pontos são executados sobre desenhos previamente passados para o linho com o auxílio de papel químico. O desenho ou risco, é composto em papel craft ou em papel vegetal, consoante o género de bordado. Nos linhos mais espessos que são bordados com linha mais grossa, os pontos utilizados não requerem



**Imagem 2 - Risco**

um desenho muito pormenorizado, até porque as bordadeiras familiarizadas com esse tipo de trabalho, já conhecem certos códigos. Nos bordados sobre linhos muito finos, feitos com linhas também mais finas, o desenho tem de ser minucioso, com traços bem definidos e rigorosos, utilizando-se neste caso o papel vegetal.

Os desenhos são passados integralmente para o tecido através de papel químico azul, quando o tamanho dos linhos e o formato do risco são coincidentes, o que nem sempre acontece, sobretudo em peças de grandes dimensões. Nestes casos passam-se os motivos centrais, os cantos, etc., sendo depois o restante desenho composto em função do tamanho do linho e riscado directamente sobre ele.

#### 4.1 - Os Bordados a Ponto de Cruz

Sobre o ponto de cruz, não irei alongar, já que não é característico desta região, mas se encontra espalhado um pouco por todo o País e até pela Europa. A técnica é a mesma e deve ter tido origem em certos trabalhos medievais, os chamados *opus pulvinarium*, umas tapeçarias feitas sobre tela grossa, bordadas com um ponto em forma de “X”. Em Amarante encontramos ponto de cruz nos mapas escolares, em toalhas de rosto, nos antigos lenços dos namorados, que Sebastião Pessanha refere ter encontrado nos mercados semanais de Amarante e Penafiel, e nas feiras do Minho e Trás os Montes.

Hoje executam-se trabalhos com variadíssimos desenhos e aplicações sendo o mais tradicional, as toalhas de rosto com letras e monogramas bordados a vermelho ou azul. Uma variante menos vulgar é o Ponto de Assis — um ponto de cruz monocromático mas contornado a fio de cor preta para melhor definir o desenho. Geralmente executa-se em vermelho mas pode ser às vezes bordado em azul. Infelizmente, existem também muitas produções de gosto duvidoso, com pontos imperfeitos sobre pano de má qualidade, que em nada contribuem para a boa imagem dos bordados desta região.

#### 4.2 - Os Bordados a Branco

Os Bordados a Branco de Figueiró, Lixa, Guimarães, Ponte de Lima, Barcelos, Tibaldinho e Alcafache — com ilhós sucessivos, como os bordados Checos, Morávios e Eslovacos — são em última análise aparentados com o clássico Bordado Inglês, que se generalizou por toda a Europa a partir do séc. XVI com a designação de Ponto



Imagem 3 - Toalha bordado em linho

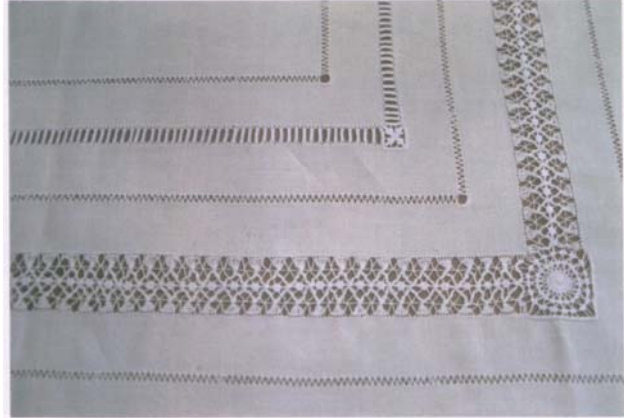
Cortado. Antigamente eram feitos com linha baça (como todos os bordados mais antigos), a única disponível no mercado até ao aparecimento dos algodões mercerizados.

No aspecto geral estes Bordados a Branco da região do Vale do Sousa e Tâmega, têm traços comuns com os Bordados de Tibaldinho — séries de ilhós consecutivos e semelhantes, ilhós sombreadas, pequenos crivos, estrelas, folhas, flores, hastes rígidas e aberturas circulares preenchidas por pontos torcidos. Os motivos são repetidos e simétricos, utilizando por vezes cachos de uvas ou outros motivos de flora estilizados, sendo aqui executados sobre linho enquanto os de Tibaldinho o são sempre sobre algodão. Utilizam o ponto cheio, ponto de cordão, ponto atrás, ponto de pé de flor, ponto de cadeia, ponto de galo, ponto de renda, ponto de nós, ponto lançado, ilhós simples, ilhós sombreados, ponto de recorte e ponto de canutilho.

Por vezes aparecem pequenos crivos no interior de alguns motivos. O Richelieu é outro ponto utilizado nestes bordados, no qual se emprega o caseado ou ponto de recorte (utilizado sempre que é necessário contornar qualquer porção de tecido a recortar), aplicado ao tecido, como contorno dos motivos, ou, apenas, sobre o urdido formando as canelas (passadeiras) com que se decoram o interior das figuras e recortando posteriormente o tecido, pelo lado do avesso. Outros Bordados a Branco, são utilizados em toalhas de mesa, toalhas de rosto, individuais, pequenos panos de tabuleiro, e toda uma série de roupas domésticas que por serem sujeitas a frequentes lavagens e barreiras não seria recomendável a linha de cor. Também podemos encontrar inúmeras toalhas de rosto, profusamente bordadas, com uma enorme variedade de pontos, que por vezes se usam em ocasiões mais especiais, como Baptizados. O bordado é de tal forma minucioso e perfeito que as peças se tornam objectos mais decorativos do que funcionais. Algumas dessas peças têm desenhos simples, mas a bordadeira que os executa, consoante a inspiração do momento e pelo emprego de vários pontos, pode produzir, ou não, um trabalho muito mais complexo, como podemos verificar pelos exemplos aqui reproduzidos. Bordadeiras diferentes, produzem naturalmente trabalhos também diferentes no final. Mas a riqueza maior, está precisamente no facto, de até a mesma bordadeira produzir sempre um trabalho diversificado apesar do desenho (*o risco*) ser o mesmo. É isto que torna cada peça original, diferente e única. Um ○ (bola), pode ser um ilhó simples, outras vezes um botão cheio. É interessante verificar como de mãos rudes e calejadas pelo trabalho rural podem sair peças de uma delicadeza e minúcia impressionantes.

### 4.3 - As Bainhas Abertas

Um outro tipo de bordados que encontramos nesta região são as bainhas trabalhadas, embora este tipo de trabalho não seja exclusivo desta zona. Encontramo-las também no Minho, em Ponte de Lima, em Terras do Bouro, etc. São geralmente barras contínuas, que podem formar cantos.



**Imagem 4 – Toalha de bainhas abertas**

Para as executar, são retirados determinados fios ao linho, tantos quanto a largura desejada para a bainha, sendo depois *tecido* o desenho escolhido, apanhando alguns dos fios que ficaram. Também aqui, os desenhos formados pela linha de bordar e os fios da trama do linho, podem constituir trabalhos de grande beleza, desde as bainhas mais simples, às mais elaboradas, que podem atingir larguras de cerca de 7 cm.



**Imagem 5 – Toalha de bainhas abertas**

#### 4.4 - O Bordado Regional de Guimarães

Não podíamos falar do Bordado Regional de Guimarães, sem falarmos na sua origem — as camisas de linho dos lavradores da região de Guimarães, que apresentam os mais curiosos e originais de todos os bordados regionais portugueses. Nos outros bordados, encontramos semelhanças, ou afinidades, com bordados de outros países (mais ou menos próximos) porque as artes populares acabam por ter algo em comum. Os bordados de Guimarães, a



Imagem 6 – Camisa bordada

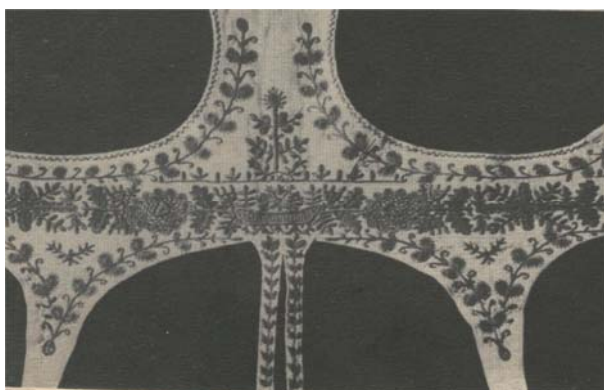


Imagem 7 – Pano de tabuleiro, bordado de Guimarães

ponto de canutilho, das camisas rurais, são de facto originais, não pelo ponto (que se conhece de muitos manuais) mas pela forma como é aplicado para ornamentar os peitilhos, ombreiras e colarinhos dessas camisas. Os desenhos são geométricos, o que constitui excepção nos bordados populares portugueses. Os peitilhos são divididos em listas verticais, por sua vez divididas em quadrados ou rectângulos obtidos através de fios tirados.

Este gradeado é bordado em pontos abertos e no interior destes espaços bordam-se motivos em ponto de canutilho, com outros pontos como o de cadeia, lançado e ilhós, numa profusão tal, que chega a recobrir por completo o tecido, conferindo-lhe um certo relevo e tornando esse “atochado” particularmente rico e opulento.

Os bordos dos peitilhos e dos colarinhos são rematados com aselhas recortadas e a roda da manga, que se junta em franzidos do tipo *favo de mel*, tem pontos de canutilho sobrepostos. A única nota de cor é dada pelas iniciais do nome do dono, bordadas a ponto de cruz com linha vermelha.



**Imagem 8 – Peitilho bordado**

As mulheres usavam uns coletes de rabichos, em estopa de linho, bordados a vermelho ou azul, com pontos de fantasia (ponto de pé de flor, de cadeia, lançado, de espinha, de galo, caseado, de nós, de renda, de formiga, de traço e de veludo). Os motivos constituíram também, elementos para composições mais modernas, actualmente aplicadas em toalhas, panos de tabuleiro, e toda uma série de peças de

uso caseiro. São hoje produzidos em Guimarães, e onde o Minho confina com o Douro, isto é, na região de Figueiró, na Lixa, e arredores.

No livro “Os Mesteres de Guimarães II - Estudo histórico e etnográfico do linho”, podemos ler na pág.127 dessa edição de 1941, a propósito dos bordados de Guimarães:

“Com o decorrer do tempo, observou-se não só o declínio desta indústria mas o seu desvio para outra terra; facto que havia de vir a merecer em 1913, esta referência em um relatório oficial sobre a indústria do linho no Distrito *..muito naturalmente perguntamos a nós próprios porque se localizou esta indústria nessa região tam pobre e retirada que é Figueiró da Lixa. Achamos a resposta provável na vinda para ali de vimaranenses conhecedores desse género de trabalhos, e pelas menores exigências do meio, começaram de produzir mais barato, e como consequência a deslocação da indústria de Guimarães para ali*”. (Eng. Manuel de Melo Geraldès, Monografia, pág.26).

Em verdade, este refúgio de certas modalidades de trabalho, a sua fixação e melhor desenvolvimento noutros meios, são facto de permanente observação. Lê-se também que as camisas dos lavradores são o fundo tradicional dos bordados de Guimarães e que a Casa dos Linhos os trouxe para as colchas, toalhas, guardanapos, etc. A resposta *provável* do Eng. Melo Geraldês não corresponde totalmente à verdade. A origem da produção de Bordados de Guimarães em Figueiró tem outra explicação.

Em Figueiró bordava-se a cheio e sobretudo crivo. Nos finais do séc. XIX, D. Ana Pinheiro de Vasconcelos e o marido António Joaquim de Sampaio, começaram a comercializar esses bordados, que por tradição eram feitos para uso próprio. Desenvolveram e



**Imagem 9 - Antiga placa da industria de bordados**

augmentaram a produção, indo levá-los a pé a Guimarães, onde eram depois vendidos na Casa dos Linhos de Teixeira de Abreu e C.a L.da. Esta casa tinha ligação a uma D. Quitéria Rosa, da firma “Viúva Nogueira e Sousa”, linheira expositora na Exposição Industrial de 1884 em Guimarães.

Entre a Casa dos Linhos e D. Ana Pinheiro, nasceu um negócio que levaria a futuras encomendas de bordados, os quais eram fabricados em Figueiró. D. Ana e o marido incrementaram o fabrico de bordados e mandaram ensinar muitas bordadeiras das freguesias próximas, que vinham em grupos à Casa de Pousada, buscar e trazer os trabalhos que bordavam em casa. Entretanto vieram bordadeiras de Guimarães, ensinar às mulheres de Figueiró o ponto de canutilho e o bordado usado em Guimarães.



**Imagem 10 – Domingos Pinheiro**

Foi criada a firma António Joaquim Pinheiro Suc. e três, dos seus seis filhos, continuaram o trabalho, mantendo o fabrico dos bordados tradicionais e dos que então foram criados. Um dos filhos, Domingos, foi o responsável pela criação de inúmeros desenhos, utilizando os motivos do bordado de Guimarães antigo, recriou-os e adaptou-os, a toalhas de mesa, panos de tabuleiro, lençóis etc. Com as duas irmãs, chegaram a ter um número muito considerável de bordadeiras a trabalharem para a casa.

Foram criados desenhos exclusivos para a Casa dos Linhos, e outros sem risco prévio em papel, eram desenhados com lápis macio, directamente sobre o linho estendido em enormes mesas. Fizeram-se então toalhas com 3, 4, 5, 6, e até 8 m, algumas por encomenda da Casa dos Linhos. O Bordado Regional de Guimarães, designação por que hoje é conhecido, ainda se faz, com os motivos e os desenhos tradicionais. A Casa dos Linhos já não existe, mas ficaram os bordados, e a razão porque se fazem ainda hoje, em Figueiró, na Quinta da Lama, é porque três das filhas de Domingos Pinheiro, Maria Carolina, Ana Maria e Helena Maria, continuaram com a “Fábrica Manual de Bordados”.

Apesar de sentirem algumas dificuldades em arranjar novas bordadeiras, pelos motivos atrás referidos, e de as mais antigas deixarem de trabalhar, por causa da idade avançada, preferem produzir menos, mas o que fizerem, ser bom e bem feito. Têm conservado os desenhos tradicionais, e mantido a qualidade de todos os géneros de bordados que entretanto têm continuado a fazer. O Bordado Regional de Guimarães, é feito em linhos grossos, linho caseiro, geralmente em branco, podendo também ser bordado em cru, azul ou vermelho. Os motivos podem ser geométricos, em barras ou com algumas semelhanças aos usados em Viana — caracóis, ângulos, estilizações de flores (amores ou japoneiras), aranhas simples (de linhas) ou de canutilho, silvas com folhas, ganchos, “S” deitados, etc.

Os pontos utilizados são o ponto de canutilho, ponto de pé de flor (espinha), ponto de cordão (espinha grossa), ponto de formiga, ponto lançado, caseado. Os remates são geralmente feitos com ponto de formiga a prender a bainha, ou com franjas desfiadas; estas são menos utilizadas, por terem de ser *penteadas* depois de se lavar o bordado, o que não se torna muito prático.

#### 4.5 - O Bordado de crivo

O crivo, conhecido em França, em Espanha e na Itália, onde se designa respectivamente, “jours sur toile”, “deshijados” e “sffilati”, tem no nosso país este nome, que salienta o aspecto de rede que o tecido adquire, depois de se tirarem os fios. As nossas bordadeiras entenderam que o tecido desfiado nos dois sentidos, com os fios soltos, se parecia com um crivo ou joeira de arame, e encontraram talvez o nome mais expressivo. Crivar, ou seja desfiar o tecido para se obterem efeitos arrendados, foi desde há muito tempo um modo de ornamentar roupas caseiras e também alfaías religiosas.

Os bordados sobre tecidos desfiados são conhecidos desde longa data em quase todos os Países da Europa, na Madeira e nos Açores. Mas é no Minho e sobretudo em Guimarães, Barcelos, S. Miguel da Carreira, Lixa e Figueiró, que se fabricam em maior escala. O suposto gorro de Carlos V, peça guardada no Museu de Cluny, é uma amostra deste género de trabalho, que acaba por ser a evolução natural do bordado para a



**Imagem 11 - Toalha de mãos em crivo**

renda, pois as rendas antigas eram minuciosamente elaboradas sobre tecidos de tal maneira desfiados que estes acabaram por ser dispensados. Os crivos podem ser de três géneros — o que se borda com ponto de passagem, o mais conhecido e vulgar, o que se borda com ponto olho de rola, (de Nisa e Portalegre) e um outro bordado a ponto de paninho ou crivo de sombra. No livro “Bordados e Rendas de Portugal” de Calvet de Magalhães, a propósito do crivo de Guimarães, faz-se referência ao facto de se executarem nas povoações de Lixa (freguesia de Figueiró de Lixa), em Barcelos (S. Miguel da Carreira), em S. Tiago de Figueiró, Felgueiras, etc. e embora já não se executem na cidade, conservam dela o seu nome.

Por curiosidade apenas, se refere que não existe Figueiró de Lixa, mas Figueiró (S. Cristina e S. Tiago), apenas a proximidade da Lixa (1Km ) deve ter originado a confusão. Ainda sobre o crivo, diz serem estes trabalhos, “*executados com grande rapidez, sendo por isso muito baratos. Estes trabalhos fazem-se muitas vezes sem preocupação de perfeição, pois como se destinam às classes populares, têm de ser vendidos por baixo preço*”. Hoje em dia o preço dum bordado de crivo é bastante elevado e no que toca a perfeição, podemos observá-la nas imagens reproduzidas. Antigamente talvez fosse assim, porque o chamado *crivo antigo* era feito com linhas mais grosseiras, baças, o que originaria trabalhos mais imperfeitos.

No entanto hoje, e porque as linhas de bordar são mais finas, assim como os linhos onde se borda, o bordado de crivo atinge grande perfeição. O seu processo de fabrico é demorado, minucioso e há cada vez menos bordadeiras a saberem fazê-lo o que torna impossível ser um bordado de baixo preço. Os fundos abertos obtêm-se tirando três fios e deixando outros três, nos dois sentidos (vertical e horizontal) formando assim uma quadrícula, que se remata com ponto de recorte. A tiragem dos fios, é um trabalho custoso, porque exige um



**Imagem 12 - Trabalho de crivo em execução**



**Imagem 13 – D. Rosa**

grande esforço da vista, e um erro na contagem dos fios a tirar pode originar a inutilização do tecido. A atenção dada a esta fase do trabalho, é tanto maior quanto mais fechado é o tecido, isto é, quantos mais fios de urdidura ou de trama o linho tiver por cm. Depois é *tecido* então o crivo, e há duas maneiras de o fazer — em carreiras horizontais e verticais ou em diagonais.

Esta última é a usada pelas bordadeiras minhotas e também pelas bordadeiras de Figueiró. Os motivos bordados sobre o crivo são feitos com ponto de passagem, cobrindo apenas algumas zonas deste quadriculado e ficando as outras em aberto. Os crivos podem ser aplicados em barras, em quadrados alternando com outros lisos, podem formar cantos, ou serem aplicados nos bordos do tecido constituindo ele próprio o remate com pontos de recorte em forma de semicírculos, em bicos ou em linhas mais geometrizadas. Os desenhos obtidos com os pontos de passagem podem formar variadíssimos motivos, uns mais geométricos, outros formando flores, estrelas, folhas, cachos de uvas, etc. Quando numa peça se combina bordado de crivo com bordados a branco, são bordadeiras diferentes que os executam. Os linhos têm de ficar esticados para se poderem bordar e como se mostra pela imagem 30, a bordadeira de crivo prende o seu tecido a um cilindro oco de cartão a que chama papelão ou mesmo crivo.

Fácil é perceber como se torna complicado bordar toalhas de mesa de grandes dimensões. Pela imagem percebemos também as sucessivas fases da elaboração do bordado de crivo. No caso dos crivos a bordadeira leva apenas marcações das áreas a desfiar mas é ela própria que acerta e corta os fios que tirar. Curiosamente, o cálculo do tempo que leva a bordar uma peça e por consequência o preço que a bordadeira cobra, é feito com base na área duma papelada, isto é, o tecido que cobre um cilindro. O mesmo acontece com as bordadeiras dos outros géneros de bordado; a diferença está no formato do papelão, que é plano, mais ou menos quadrado e de área não muito superior à largura das pernas da bordadeira. Ela borda sentada em bancos muito baixos e coloca o papelão sobre as pernas. É claro que o nome papelão vem do facto de usarem pedaços de cartão, rijo (no caso dos crivos) ou papel de embrulho grosso nos outros casos. O linho é esticado e preso com alinhavos ao cartão, com a mão direita passa a agulha e com a esquerda puxa a linha. O papelão mais não é que uma versão popular do bastidor ou tambor (bastidor circular) objecto mais sofisticado.

## 5 - A INTEGRAÇÃO DOS BORDADOS NA ROTA DO ROMÂNICO DO VALE DO SOUSA

A Empresa Terra-Mãe, apesar de não estar inserida na zona de intervenção da Rota do Românico do Vale do Sousa, por se encontrar noutra concelho, não poderá ser dissociada de todo este projecto, uma vez que, foi nesta freguesia de Figueiró que, como já foi referido, tiveram origem os primeiros bordados que influenciaram toda a região do Tâmega e do Vale do Sousa. Apesar de pertencer ao concelho de Amarante, situa-se exactamente na fronteira que separa este, do concelho de Felgueiras, cidade onde está localizado o Mosteiro de Pombeiro, um dos mais importantes, e emblemáticos mosteiros de todo o românico do Vale do Sousa, possibilitando a sua integração num dos percursos a desenvolver.

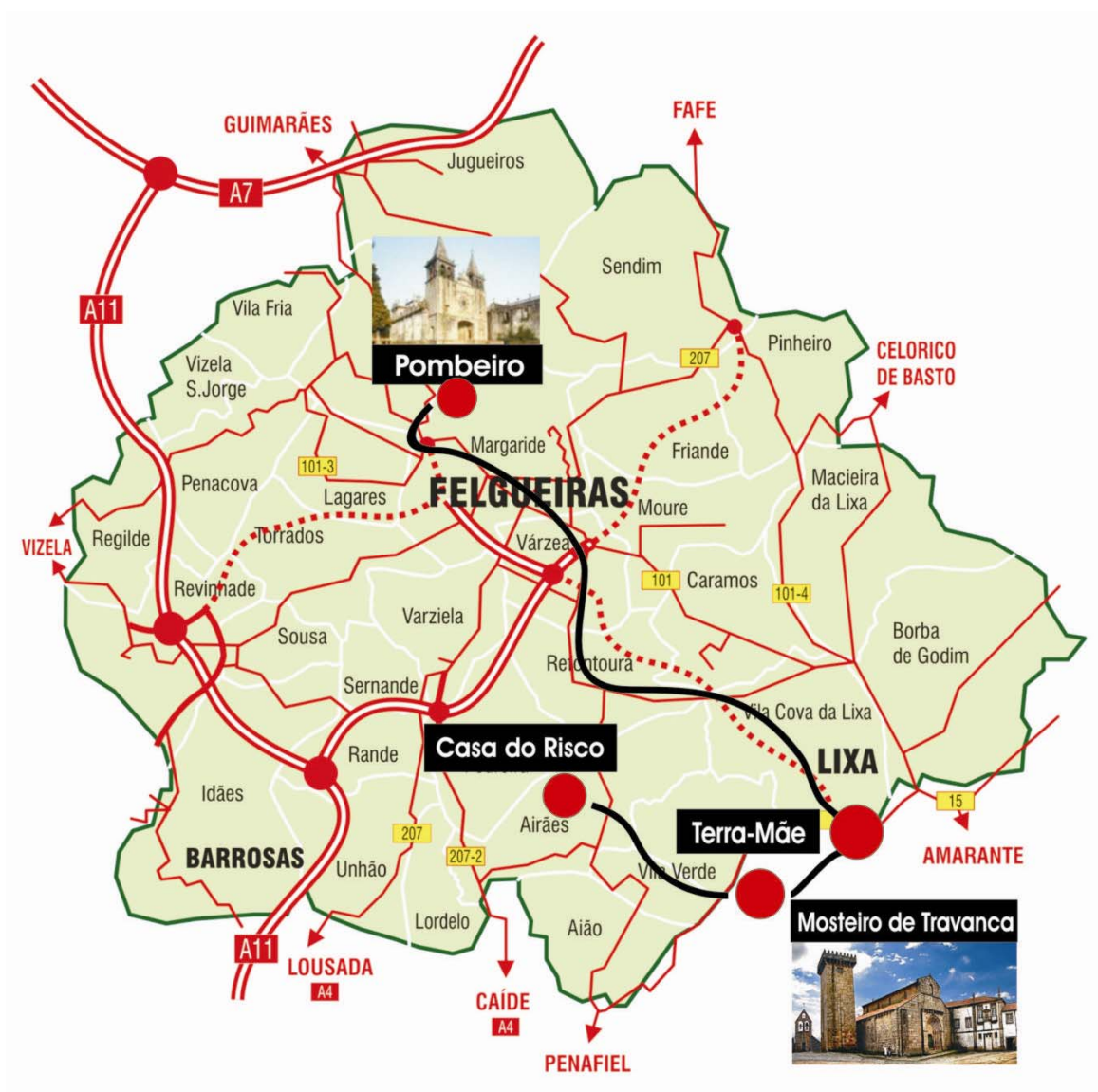
Importante será também referir, que apenas a uns escassos oito quilómetros da Terra-Mãe, está o Mosteiro de Travanca, o mais importante de todo o românico desta região, que apesar de estar fora da RRVS, poderá ser aqui considerado de relevante importância.

A integração das duas casas de Bordados da região, aqui consideradas, a Terra-Mãe e a Casa do Risco, terá que ser encarada sob o ponto de vista da complementaridade, possibilitando não só a sua visita, como também a realização de exposições, demonstrações de trabalho ao vivo, o cultivo e a preparação do produto, uma vez que o artesanato não será por si só factor de motivação, mas sim um complemento e uma importante mais valia para a promoção e comunicação da Rota do Românico junto dos mercados-alvo.



**Imagem 14 – Camisa de Linho Terra-Mãe**

## Extensão da Rota do Românico do Vale do Sousa ao Mosteiro de Travanca



### Ó Mosteiro de Travanca

A edificação desta obra é datada do século: X, em 970 e a sua fundação atribuída a D.Garcia Moniz, filho de D. Múnio Viegas. O Mosteiro de Travanca é considerado a melhor "expressão arquitectónica" do simbolismo românico em Amarante, e encontra-se sob influência do românico existente na Catedral de Santiago de Compostela, em virtude do seu estilo vanguardista daquela época.

## 5.1 - Terra-Mãe

Com o declínio natural da actividade da indústria familiar de Figueiró, tornava-se necessário dar continuidade a um projecto de extraordinária importância para o desenvolvimento da indústria de bordados da região, formando e especializando jovens interessados a aprender este tipo de actividade.

A Terra-Mãe, promoveu a realização de dois cursos de formação profissional, tendo participado com os seus formandos em várias exposições, fóruns e iniciativas de carácter técnico profissional. Hoje a empresa continua com algumas dessas bordadeiras que se especializaram e que continuam a trabalhar nesta actividade. Existem alguns entraves na comercialização destes produtos, pois a concorrência é desenfreada, com produtos de fraca qualidade, oriundos de países onde a mão obra muito barata.

Para estes produtos de gama média alta, existe ainda mercado, traduzido em pequenos nichos. Numa clara adaptação da tradição à modernidade, e porque se tornou necessário criar produtos alternativos, que de certo modo vão ao encontro de um cliente diferenciado, a Terra-Mãe, lançou em 2001 uma marca de camisas de linho, bordadas à mão com desenhos originais, à semelhança do que então se fazia com o bordado regional de Guimarães, estas camisas tem uma particularidade, são comercializadas dentro de um estojo em madeira.



**Imagem 15 - Logótipo**



**Imagem 16 – Escola de Bordados**



**Imagem 17 – Entrega de diplomas às alunas do curso**

## 5.2 - A Casa do Risco

A Casa do Risco foi constituída com o objectivo de intervir no processo de certificação de qualidade do bordado, definir e implementar um sistema de certificação de qualidade e uma estrutura de suporte, promover o bordado do concelho e a respectiva comercialização e promover actividades de natureza cultural, social, promocional, comercial e tecnológica.

Promover a qualificação do bordado e das bordadeiras do concelho é o objectivo desta instituição, com sede social em Airães, na Casa do Rosso.

São sócios-fundadores da associação a Câmara Municipal de Felgueiras, a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Santa Maria de Airães, o Centro de Artes Tradicionais (CRAT), o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), o Ministério da Cultura (através da sua Delegação Regional do Norte), para além de algumas pessoas a título individual, cujos responsáveis ou representantes assinaram a escritura.

Aproveitando o período de férias escolares de Verão, a Câmara Municipal de Felgueiras, através da "Casa do Risco", promove anualmente cursos intensivos de Verão no âmbito de um pacote de acções de Iniciação aos Bordados para Jovens. "Ponto de cruz", "Baínhas" e "Bordado a cheio", foram algumas das matérias ministradas nestas acções. As iniciativas promovidas até à data, foram financiadas pela Adersousa, através do Programa Leader II - Continuar Inovando, dirigida aos jovens de idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos.

Depois de concluídas as obras para a instalação definitiva da "Casa do Risco"-projecto que reúne já várias instituições das bordadeiras de Felgueiras, (mais de 600) da certificação de qualidade e marketing deste património cultural e artesanal nacional, foi inaugurada no dia 26 de Maio de 2000.



**Imagem 18 – Casa do Risco**

## 6 - CONCLUSÃO

Apesar do desenvolvimento espantoso das modernas tecnologias, a humanidade ainda não conseguiu resolver grande parte dos seus problemas. A ameaça ao ambiente é global e o exagero e a insensibilidade já conduziram a grandes catástrofes. Para conseguir o desenvolvimento sustentável da Terra é necessário, não só a preservação do ambiente e o uso racional dos recursos naturais, mas também a valorização da cultura e da identidade das várias comunidades. O mundo rural surge-nos hoje, muitas vezes, como tábua de salvação no meio do desespero que envolve o homem dos centros urbanos, porque significa uma referência matricial de um equilíbrio apetecido. O homem, inserido em determinado ambiente, cria certos tipos de relações entre si e gera uma cultura específica que lhe confere uma entidade própria, preservada da massificação e uniformização geradas pelo processo tecnológico e industrial.

O artesanato tradicional caracteriza-se pela sua fidelidade à tradição, reproduzindo formas habituais, através do uso do saber ancestral, onde o diferente e a inovação só muito lentamente vão conquistando espaço, caracterizando-se pela sua fidelidade à tradição, e constituindo uma fonte histórica e cultural da máxima relevância. A revitalização das artes e ofícios tradicionais apresenta-se-nos assim, como a solução alternativa aos excessos da sociedade pós-industrial, embora os velhos processos de confecção e comercialização possam e devam coexistir com unidades de produção industrial e grandes superfícies de venda. Uma das características determinantes do artesanato tradicional tem a ver com a sua ruralidade, isto é, com o seu carácter rural. Nas artes populares, a continuidade dos modelos ancestrais decorre em paralelo com o incremento dos novos géneros, influenciados pelas mudanças sociais na consciência estética das gentes do campo ou das cidades, que assim revigoram quotidianamente as tradições nacionais da cultura.

**A partilha de saberes e experiências é uma das mais estimulantes ideias da vida.**

“ O turismo é um fenómeno social total, pelas implicações, influências e impactos que tem na vida das comunidades, regiões e países, mas é também uma actividade ambígua, porque oscila sempre entre a satisfação dos forasteiros e os interesses das populações locais. Essa conciliação nem sempre é possível de concretização equilibrada” <sup>1</sup>. É no entanto possível, ainda, encontrar áreas com elementos naturais de alto valor científico e paisagens rurais tradicionais de rico conteúdo estético, cultural e histórico. É evidente o esgotamento de um ‘modelo’ de desenvolvimento cuja meta era o crescimento económico e que poderemos caracterizar da seguinte forma:

- O ter
- O curto-prazo
- Crise económica
- Desertificação do mundo rural e agrícola
- Saturação das cidades
- Crescimento de assimetrias regionais e sectoriais
- Agressões ambientais e poluição
- Destruição de recursos
- Problemas sociais: desemprego, marginalidade, exclusão, racismo
- Globalização

Em sua substituição é urgente partir para um novo ‘modelo’, integrado e sustentado, cujas principais características sejam as seguintes:

- O ser
- Médio e longo prazo
- Reafirmação de valores humanos
- “Pensar globalmente, agir localmente”
- Reestruturação do mundo rural
- Protecção e preservação do ambiente dos recursos
- Localização
- Eliminação de assimetrias
- Valorização dos aspectos sócio culturais e do vector educativo.

O Turismo deverá ser visto como um meio de divulgação do património cultural, podendo a dinamização da Rota do Românico promover á conjugação de uma oferta diversificada, de modo a que o turismo seja o motor responsável pela dignificação do artesanato tradicional. Nos últimos anos tem-se verificado, não só, a revitalização de várias actividades artesanais, mas também, o aparecimento de novos artesãos, muitos deles jovens, conscientes da necessidade de preservar os saberes dos seus antepassados.

Contudo, parece-me que ainda haverá muito por fazer, no sentido de mudar a mentalidade dos nossos consumidores, consciencializa-los para a necessidade de adquirirem produtos com qualidade e com autenticidade em detrimento de tantos outros, que ao nosso país chegam, vindos de todos os lados do planeta, de qualidade duvidosa, completamente industrializados a preços absolutamente inadmissíveis. Será no entanto necessário referir que nem tudo está mal, felizmente que, ainda existem alguns nichos de mercado, conscientes destas “invasões”, que apreciam e que dão o devido valor ao verdadeiro artesanato tradicional, aquele que possui uma característica única **“a expressão de um sentimento...”**

## **Bibliografia**

ARTESANATO DA REGIÃO DO NORTE. - *Catálogo*, I.E.F.P., Porto, 1989

CARVALHO, A.L de – *Os Mesteres de Guimarães – estudo Histórico e Etnográfico do Linho* – Edição do Autor, 1941

FERREIRA, J.M. Cabral, “Artesanato, cultura e desenvolvimento regional”, In: *Cadernos PEPT 2000* n.º5, M.E., Lisboa, 1994

LIMA, Fernando Pires de – *A Arte Popular em Portugal III* – Edições Verbo

MOURA, Maria Clementina - *Bordados Tradicionais de Portugal* — Edição da Companhia de Linhas Coats & Clark.

PACHECO, Helder - *Portugal, Património Cultural Popular, 1. O ambiente dos homens*, Areal Editores, Porto

PINHEIRO, Maria Cristina, GAMITO, Margarida e SÁ, Marília. - Trabalho realizado sobre o Linho e os Bordados da Região de Amarante

PINTASSILGO, Joaquim e Maria Adelaide TEIXEIRA - *Turismo Horizontes Alternativos*, Edições Colibri, 1997

PIRES, Ana – *Bordado da Terra de Sousa – o engenho e a arte* – Edição da casa do Risco

SILVA, Augusto Santos, outros, “Tempos Cruzados, um Estudo Interpretativo da Cultura Popular”, Edições afrontamento, Porto, 1994

SOUSA, António Teixeira – *Artesanato da Região Norte, Catálogo*, I.E.F.P., Porto, 1989.

---

<sup>i</sup> PACHECO, Helder - *Portugal, Património Cultural Popular, 1, O ambiente dos homens*, Areal Editores, Porto, s.d., p.9,18